

Onésimo Almeida, Prémio D. Diniz

“Falta um grande centro interpretativo sobre o importante papel dos Açores nos Descobrimentos”

O escritor açoriano Onésimo Almeida, natural do Pico da Pedra, ilha de S. Miguel, acaba de ser galardoado com o Prémio D. Diniz, atribuído por um júri da Casa Mateus. O Prémio será entregue no dia 20 de Setembro pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Onésimo Almeida, professor na Universidade de Brown, nos EUA, tem inúmeros livros publicados, é colaborador de várias publicações e revistas, incluindo este jornal, aceitando falar sobre este e outros assuntos nesta entrevista ao Diário dos Açores.

O que significa para si o Prémio D. Diniz atribuído pelo júri da Fundação Casa Mateus?

Os prémios significam apenas que o pequeno grupo de pessoas que compõe um júri, na totalidade ou maioria, gostou de um livro.

É um bom sinal.

Promove a divulgação do livro. Porque há o lado publicitário. Falar-se sobre um livro torna-o mais conhecido e chama para ele a atenção.

Um prémio naturalmente ajuda bastante. Não vale a pena armar em modesto: quem escreve um livro tem interesse em que o leiam. E um prémio é também uma palmadinha nas costas, um incentivo.

O autor deve, todavia, lembrar-se de que o prémio poderia ter sido para outros autores, se o júri fosse outro.

O Século dos Prodígios já tinha sido galardoado com outras distinções. É o reconhecimento pelo trabalho de investigação profundo que fez durante quanto tempo?

Sim. Tinha recebido o Prémio Gulbenkian “Portugal no Mundo”, da Academia Portuguesa de História, e o Prémio Mariano Gago, da Sociedade Portuguesa de Autores.

Este prémio foi-me comunicado já em Março, mas só agora é tornado público porque a entrega dele terá lugar na Casa de Mateus, em Vila Real, a 20

“No balanço geral, também fica claro que em Portugal levávamos quase cem anos de avanço sobre o que mais tarde aconteceu noutros países da Europa”



de Setembro, numa sessão presidida pelo Presidente da República, que não foi fácil agendar.

Se estes prémios significassem apenas reconhecimento pelo meu trabalho, os outros meus livros escritos no mesmo estilo, tom e sobre temática da cultura portuguesa, teriam recebido prémios também (De Marx a Darwin – ou a desconfiança das ideologias, de 2010, recebeu o Prémio Seeds of Science para as Humanidades e Ciências Sociais, mas não tem nada a ver com a cultura portuguesa).

Creio que o livro surgiu numa altura em que se critica muito o papel de Portugal nos Descobrimentos por causa da escravatura.

Durante as comemorações dos 500 anos da expansão marítima, esse assunto quase não era tocado. E não convinha sequer.

Agora está na moda, porque no mundo anglo-americano, e na Europa em geral, ele tornou-se um tema quente.

Como as modas tendem a ser cegas sobre o que não faz parte delas, nem antes nem depois o tema da ciência nos descobrimentos chegou a entrar no discurso colectivo nacional.

Este júri deve ter achado que se tratava de uma temática séria porque no contexto internacional se escreve hoje muito sobre história da ciência e tecnologia.

Ora, se esse tema é assunto sério para muitos estudiosos, então há que reconhecer aquilo para que o meu livro chama a atenção: o papel pioneiro que Portugal teve no desenvolvimento do espírito empírico, fundamental para o desenvolvimento da ciência.

Uma nota breve sobre a escravatura: fomos responsáveis, sem dúvida.

Contudo, felizmente que nestes últimos meses nos EUA começou a ser reconhecido publicamente que a rede de escravatura era muito vasta, envolvia muita gente, mas também envolvia os negros, pois eles é que arranjavam os escravos e os vendiam.

Nada disso desculpa o que fizemos, no entanto esse dado importante torna a história mais cinzenta e menos pintada a preto e branco.

Havia, de facto, em Portugal, ausência de estudos sobre esse período dos séculos XV e XVI na área da invenção e inovação dos cientistas portugueses?

Sempre houve historiadores que se dedicaram ao tema, mas muito poucos.

Um deles foi o micalense Joaquim Bensaude.

Havia no entanto muitas lacunas, e sobretudo era importante revisitar essa problemática em confronto com a narrativa dominante que é a anglo-americana.

Se não fizermos isso, não perceberemos nunca o que foi e não foi novo nesse domínio dos Descobrimentos.

Quer dizer: havia que olhar para o caso português de um ponto de vista menos nacionalista.

No balanço geral, também fica claro que em Portugal levávamos quase cem anos de avanço sobre o que mais tarde

aconteceu noutros países da Europa.

